



Adelino Cunha

CEO da Solfut - I HAVE THE POWER

O FIM DAS EMPRESAS?

Estava eu recentemente a conversar com um cliente que me comentava que tinham recebido indicações dos Recursos Humanos para não "chatearem"

nenhum colaborador e ignorarem conflitos que possam existir, exceto os de grande monta, porque "há falta de pessoas para trabalhar".

Perante esta situação eu brinquei e disse-lhe:

- Creio que na receção estava alguém a falar nesse nome do colaborador e parece que ele morreu.

A pessoa, estupefacta, respondeu-me:

- A sério? Meu Deus. Ainda falei com ele hoje de manhã.

Disse eu:

- Estava a brincar, mas fica aqui a pergunta: e se tivesse morrido? Como resolviam?

Ao que a pessoa me diz:

- Tínhamos de recrutar alguém. Não íamos ficar parados.

Este argumento de haver falta de mão-de-obra está a ser visível em diversos setores de atividade como com certeza tens notado. Da restauração, passando pela hotelaria, até às TI, todos se queixam de que há cada vez mais oportunidades e cada vez menos pessoas disponíveis.

Instalou-se uma onda de pessimismo em muitas empresas que não sabem o que fazer e em que as lideranças, assustadas, em vez de melhorarem a atratividade da empresa para poderem atrair pessoas e talento, com um trabalho sério de repensar-se a empresa, formar os colaboradores com novas *skills*, potenciar a riqueza da organização e até rescindir com quem não produz de modo a terem uma equipa mais forte e motiva-

«Importa refletir que tipo de pessoas queremos ter numa empresa que seja vencedora e geradora de riqueza para todos e dessa reflexão vamos retirar muitas linhas de orientação para o futuro.»

da, resolvem seguir o caminho mais simples e de menor esforço e desistem de liderar, fazendo com que haja uma total inversão de valores na empresa.

As lideranças precisam de apoio para saberem liderar e o *Coaching* pode ser uma ajuda preciosa para os ajudar a garantir que, como diz um treinador conhecido, "o símbolo que tenho no peito valha mais do que o nome na parte de trás da camisola". Sinto alguns líderes cansados e desistentes, deixando as empresas ao sabor da corrente ou de alguns técnicos, que muitas vezes vão confundindo participação, partilha, colaboração, equipa, com anarquia, egoísmo e sobreposição do interesse pessoal ao interesse coletivo, sob a capa da qualidade de vida.

Sou 100% adepto do equilíbrio entre a vida pessoal e profissional, mas sou 100% contra o aproveitamento indevido deste conceito para se manipular as equipas às vezes com a conivência interna que também quer aproveitar da onda.

Se a liderança não souber o que quer e não for apoiada na tomada de decisões para o bem da empresa corremos o risco de ver muitas empre-

sas implodirem porque o talento sairá quando perceber que o barco mete água.

Nessa altura teremos empresas com colaboradores e liderança que suportam a impunidade, o desleixo, a falta de profissionalismo, o espírito assistencialista, e em que se converte o orgulho de ter uma remuneração de qualidade pela qualidade do serviço prestado e se passa para um salário que é a pensão a que tenho direito, fazendo pouco e se possível nada.

As empresas são compostas por máquinas, instalações, equipamentos, mas acima de tudo e na maioria dos casos são seres vivos compostos por pessoas.

Se não cuidarmos das pessoas nada de bom acontecerá pois é com as pessoas e não contra elas que vamos gerar resultados.

Importa refletir que tipo de pessoas queremos ter numa empresa que seja vencedora e geradora de riqueza para todos e dessa reflexão vamos retirar muitas linhas de orientação para o futuro e os *coaches* podem ser uma mais-valia importante para que esse processo termine bem e com a qualidade que o mundo precisa. ●